

Construção de sentido das expressões idiomáticas do inglês como língua estrangeira: uma abordagem da Lingüística Cognitiva

Sandra Cristina Becker

Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos

Universidade Federal de Minas Gerais

A presente investigação objetiva delinear a rota cognitiva trilhada por falantes brasileiros da língua inglesa quando diante de expressões idiomáticas em inglês. Os processos cognitivos postulados por Langacker (1987, 1990, 1991, 1999, 2000), tais como entrenchment – chamado de rotinização ou automatização, seleção, abstração e perspectivação, oferecem substrato teórico para este estudo. Fenômenos básicos e gerais da Psicologia, essenciais para a linguagem, são contemplados. De natureza qualitativa, esta pesquisa utilizou a técnica de protocolo verbal – *think aloud* – e envolveu 9 informantes. Os resultados mostraram o que parece constituir um inventário de ferramentas relacionadas com as operações cognitivas ativadas na construção de sentido.

This investigation aims at tracking the cognitive route for meaning construction followed by English-speaking Brazilians when they face idiomatic expressions in English. Cognitive processes proposed by Langacker (1987, 1990, 1991, 1999, 2000), such as entrenchment – labeled routinization or automatization, – selection, abstraction and perspectiveation provide theoretical ground for the present study. Basic and very general psychological phenomena that are essential to language are addressed. This qualitative research involved the tape-recording of interviews – Think aloud protocol – with 9 Brazilians. Results have shown what seems to be an inventory of resources related to the basic cognitive operations activated in meaning construction.

Introdução

Neste trabalho procuro identificar a ocorrência de operações cognitivas postuladas por Langacker (1987, 1990, 1991, 1999, 2000) no processo de produção de sentido de expressões idiomáticas.

As expressões idiomáticas de uma língua são freqüentemente tratadas como fenômenos à margem da linguagem, dado seu

comportamento sintático-semântico muitas vezes peculiar. Os aprendizes da língua inglesa não raramente vêm essas construções com certa curiosidade, apesar de pouco dominar seu uso. Os lingüistas teóricos recorrentemente tratam os *idioms* como um epifenômeno, um acidente histórico, algo à margem da linguagem. Essas asseverações fazem com que as investigações em torno da produção de sentido dessas entidades lingüísticas não encontrem outro albergue senão na Lingüística Cognitiva.

A Lingüística Cognitiva é um arcabouço teórico voltado para o estudo dos aspectos cognitivos da linguagem, tomando como base a nossa experiência de mundo e a maneira como nós o percebemos e o conceitualizamos. Mello (2004) esclarece que

A Lingüística Cognitiva pode ser caracterizada como uma plêiade de abordagens de estudos da linguagem, que compartilham entre si o princípio fundamental de que linguagem é um comportamento sociocognitivo e só pode ser estudado dentro do uso real que seus utilizadores dele fazem.

Os princípios da Gramática Cognitiva (GC) postulada por Langacker (Op.cit.) serviram de substrato teórico para as investigações feitas e as análises que se seguem. Compartilho da visão chamada de experiencial, em que a necessidade de investigarmos os fenômenos lingüísticos através de uma lente mais empírica, baseada na ocorrência localizada, contemplando questões voltadas para a percepção humana, é asseverada. Ungerer e Schmid (1996) explicam a importância dessa visão:

(...) [a visão experiencial] tem como asseveração principal o fato de que, ao invés de postular regras lógicas e definições objetivas com base nas considerações teóricas e na introspecção, um caminho mais prático e empírico deveria ser percorrido.¹

A construção de sentido é genuinamente analisada na interação e no uso. Então, faz-se necessária aqui a distinção que existe entre essa abordagem e aquela que se refere a uma visão mais lógica da linguagem.

A *Gestalt* postulada por Koffka (1935) mostra-nos os princípios básicos que regem a percepção humana. Por acreditar que a linguagem

¹ No original (1996:xi): "... its main claim is that instead of postulating logical rules and objective definitions on the basis of theoretical considerations and introspection, a more practical and empirical path should be pursued."

não é uma habilidade cognitiva que está dissociada das demais, acredito que os estudos acerca da Psicologia da Percepção podem corroborar uma maior compreensão dos processos cognitivos subjacentes à formação de sentido de toda e qualquer entidade lingüística.

O artigo está organizado da seguinte maneira: Introdução; Operações Cognitivas; Princípios da *Gestalt*; Método; Resultados; Considerações finais.

Operações Cognitivas

Langacker (1987) apresenta-nos as habilidades cognitivas do ser humano. Somos capazes de fazer muitas coisas. Sentimos uma considerável gama de emoções. Percebemos a passagem do tempo, bem como as cores, os sons, cheiros e sabores diversos. Temos sensibilidade ao toque e às texturas. A essas habilidades ele deu o nome de domínios básicos.

Entre os parâmetros apontados pela GC que norteiam a construção das imagens empregadas para que ocorra a conceitualização, destaca-se a Seleção, a Abstração, a Perspectivação e o Entrincheiramento. O processo de seleção possibilita a determinação das facetas de uma cena com as quais vamos lidar. A direção do foco, por sua vez, delinea os pontos periféricos e centrais de um evento. O ponto de vista marcado através da perspectiva indica trajetórias a serem percorridas. Entidades mais esquemáticas ou aquelas que guardam traços menos esquemáticos estão presentes no nosso discurso como marcas da abstração. Convenções e acordos compartilhados por uma determinada comunidade discursiva são exemplos de entrincheiramento. Certos participantes da cena criada podem incitar a criação de novos cenários, com novos participantes integrados a uma rede cognitiva complexa e única.

Os fenômenos descritos até aqui nos fazem refletir sobre como provavelmente se dá o complexo processo de conceitualização de toda e qualquer construção. A visão que emerge é a de uma vasta rede na qual graus de entrincheiramento, níveis diferentes de abstração, mudança de perspectiva e seleção da atenção ocorrem nas formas as mais variadas. O processo é localizado, único e singular a cada momento em que acontece. O sentido é, assim, criado *online*, no momento da interação.

Princípios da Gestalt

O estudo da imagem sob a perspectiva do olhar humano foi impulsionado pelo desenvolvimento da Psicologia da *Gestalt*. A *Gestalt* propõe que o ser humano tende a desmembrar a imagem em diferentes partes e organizá-la novamente num conjunto mais harmonioso e passível de interpretação.

O fenômeno da percepção, de um modo geral, dar-se-ia desta maneira: o processo de decomposição aconteceria de forma concatenada à recomposição das partes em relação ao todo. Tal princípio se aplica à imagem comunicativa também. Uma imagem pode ter a mesma eloqüência do discurso, seja ele escrito ou falado.

Entre os princípios da *Gestalt*, destaca-se como fundamental referência para o processo de conceptualização de toda e qualquer enunciação o conceito de que “o todo não é o resultado da soma das partes”. Os princípios da *Gestalt*, que segundo Koffka (1935) regem a percepção humana das formas e corroboram a compreensão tanto visual como de idéias, podem ser resumidos da seguinte maneira:

Semelhança ou similaridade

Participantes de uma cena que guarda aspectos similares tendem a se agrupar. Essa similaridade pode estar na cor ou na textura, por exemplo. Criamos relações ao agruparmos elementos, facilitando a percepção de uma idéia.

Proximidade

Os elementos são agrupados de acordo com a distância a que se encontram uns dos outros. Aqueles que se encontram mais próximos uns dos outros numa determinada região passam a ser percebidos como um grupo, mais do que se estiverem distante de seus similares.

Continuidade

A harmonia das formas colabora com a interpretação. O conjunto harmônico é mais facilmente compreendido. Essa harmonia pode ser conseguida através do bom alinhamento e coincidência de direções, por exemplo. Como podemos ver, a Figura 1 contraria a lei da boa continuidade, desfavorecendo sua tranqüila leitura ou interpretação.

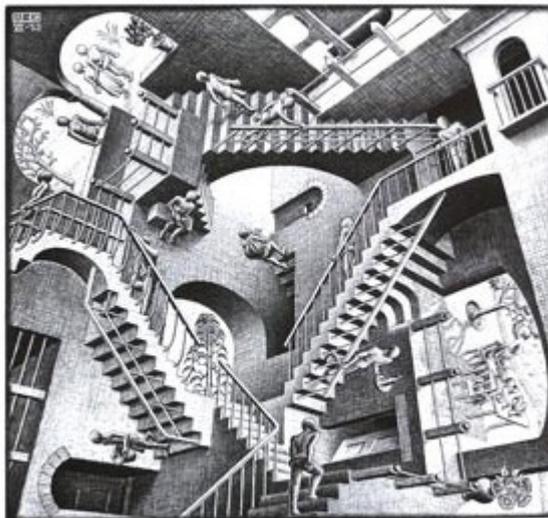


FIGURA 1 - Relativity por Escher

Fonte: ESCHER, 2004, p. 67.

Pregnância

As formas tendem a ser percebidas pelo seu caráter mais sintético. Esse é o princípio da simplificação natural da percepção. Quanto mais simples uma forma, mais facilmente ela é compreendida.

Fechamento

O Fechamento é também conhecido como lei da clausura. Uma figura, mesmo que incompleta, é passível de interpretação. Preenchemos os elementos que faltam, fechando ou preenchendo as lacunas que existem. A ausência de certos elementos na Figura 2 não compromete a sua conceptualização.



FIGURA 2 - Bond of Union por Escher

Fonte: ESCHER, 2004, p. 46.

Experiência passada

Certas formas serão compreendidas somente se nós já as conhecermos, ou pelo menos tivermos consciência prévia da sua existência. O pensamento pré-gestáltico é o que viabiliza a compreensão de novas formas. Relacionamos formas novas com as já conhecidas. Não precisamos ver toda a lua para sabermos que uma imagem se trata dela. A compreensão da metonímia, por exemplo, é um indício desse pensamento.

A organização da forma

Essa habilidade de “desarrumar” o cenário e reorganizá-lo apropriadamente dialoga com as habilidades cognitivas propostas pela GC, que serão apresentadas na próxima seção. Para compreendermos uma mensagem, organizamos a cena proposta por ela de maneira particular e única.

Somos, assim, co-autores da cena e protagonistas de uma série de operações cognitivas: abstraímos, colocamos em evidência determinados participantes de um evento. Tomamos posições variadas para melhor perspectivar a cena, lançamos olhares ímpares em momentos diferentes, participamos ou não dessa ação imagética, selecionamos objetos, atores e figurantes para o foco da nossa atenção,

convidamos nossos interlocutores virtuais ou reais para atuarem junto a nós no processo de conceptualização do mundo ao nosso redor.

Método

A pesquisa aqui apresentada está inserida no paradigma qualitativo. O método de coleta de dados utilizado foi o protocolo verbal na versão *think aloud* – ou “pense alto”. Por se tratar de um estudo voltado para os aspectos idiossincráticos da cognição humana, a técnica de coleta introspectiva mostrou-se a mais adequada e eficaz.

Foram quinze expressões idiomáticas contextualizadas oferecidas para a apreciação dos informantes (ANEXO 1). A escolha das mesmas não se pautou por nenhum critério rígido, mas por suspeitas quanto à rota cognitiva que poderia ser trilhada. A expressão *Cheese it*, por exemplo, tem a sonoridade que poderia lembrar um pedido de silêncio. Uma outra, *Hear from the grapevine*, aparece em um refrão de uma música famosa, o que poderia acusar marcas do entrincheiramento. Duas expressões foram criadas por mim, com o objetivo de verificar a variação da rota cognitiva. São elas: *to be brainwreck* e *to jungle around*.

Sujeitos

Nove falantes da língua inglesa de nacionalidade brasileira cujo nível de proficiência é o avançado participaram deste estudo, oferecendo suas reflexões. Entre os nove, sete são professores em escolas particulares de idiomas. Eles estudaram inglês no Brasil e três deles também tiveram aulas em escolas no exterior. Os informantes que não são professores estudaram inglês por um período de pelo menos 4 anos. Um deles atua na área de Engenharia Aeronáutica e constantemente viaja para países cuja língua oficial é o inglês, mantendo contato estreito com esse idioma.

Materiais utilizados

A lista contendo as expressões idiomáticas e um aparelho gravador digital foram os instrumentos utilizados na coleta de dados. O aparelho é o *Gamma Power GP-8DR*.

Procedimentos

A cada participante foi oferecida a lista com as expressões idiomáticas contextualizadas. Foi pedido que eles, à medida que lessem os textos, reportassem suas reflexões em voz alta. Essas reflexões poderiam ser de qualquer natureza. Foi deixado claro que qualquer idéia, cena, palavra, imagem que lhes ocorresse deveria ser reportada. Ao entregar a lista, o gravador era ligado, permitindo que o participante já se habituasse à presença do aparelho.

Também foi salientado que os participantes poderiam expressar suas contribuições tanto na língua inglesa quanto na língua portuguesa. Se quisessem usar outro idioma, também poderiam.

O ambiente escolhido para a maioria das coletas de dados foi uma sala conhecida por todos os participantes. Apenas dois participantes pediram que a coleta fosse feita na residência deles. Um terceiro pediu que a coleta fosse feita na biblioteca de uma universidade, em local separado dos demais usuários.

Resultados

Diante das mais variadas digressões ocorridas durante a entrevista, tem-se a impressão que o número de estratégias cognitivas é gigantesco. Indubitavelmente a trama cognitiva que se forma na conceitualização de uma expressão é complexa. Gestos, sons, a experiência corpórea do participante formam os nós dessa teia e certamente funcionam como gatilho para a investigação da construção do significado.

É primordial deixar claro a fluidez do processo de formação de sentido. Ele, em nenhum momento, foi linear ou obedeceu a padrões. Apesar de reconhecer o quão complexo foi o rastreamento das operações, ficou notável como a linguagem apresenta algumas pistas. Revela e, ao mesmo tempo, esconde parte das trilhas cognitivas percorridas pelos seus falantes. Tomando as operações postuladas por Langacker como referência, percebi que determinados procedimentos indiciavam a ocorrência das mesmas. Essas operações, no entanto, se entrelaçavam, interagem de tal forma que, ao rastrear uma, percebia-se o quanto ela estava imbricada em uma outra.

Na apresentação da análise, os informantes receberam os códigos de identificação, a letra I e números. Por exemplo, o código I1

corresponde ao informante um, I2 ao informante dois e assim sucessivamente. A numeração de parágrafos foi codificada pela letra P (Parágrafo 1, Parágrafo 2, etc.) e a linha por L (L1, L2, etc.). Esse procedimento visa facilitar a busca no *corpus* coletado, que não é apresentado aqui por limites de espaço.

Seleção

Quando estamos apreciando uma cena, convergimos nossa atenção para determinados pontos. À escolha das facetas de uma cena, para onde dirigimos nossa atenção, dá-se o nome de seleção. Os informantes dirigiam o foco para determinados aspectos da cena, como quem escolhe um caminho para trilhar. Vamos às análises:

Na expressão *He flies off the handle any time* (veja ANEXO 1, exemplo1), a cena que se abre diante do participante parece sugerir que o foco foi dirigido para *mother*, *flies*, *flies off*, *off*, e também para *handle*. A mãe que comenta o comportamento do filho parece desenhar um cenário lamurioso. O vôo, indiciado por *fly*, aparentemente sugere uma escapada, enfatizada pelo foco em *off*. *Handle* direcionou o foco para mão, maçaneta:

1. I1: P1 → L1 e L2:

“Essa eu entendi que ele, ele foge ao controle da mãe dele porque está falando *mother*, então a *mãe dele*... aí tipo ele voa da *mão*...”.

2. I4: P46 → L3:

“... Seria *viajar*, ou *voar*, *sair do ar*...”.

3. I5: P61 → L4, L5 e L8:

“... ele está agitando muito as *mãos*... porque *handle*, o tempo todo... *flies*... *flies*... *voar*...”.

4. I6: P76 → L2 e L7:

“Vem à minha cabeça que a *mãe* está falando sobre o filho... Por esse *handle*...”.

O fogo, a frigideira e o falso cognato *assault* guiaram os participantes na construção de sentido da expressão *she found herself*

out of the frying pan into the fire (veja ANEXO 1, exemplo 2). O foco parece ter sido dirigido para a construção *Poor, Jill!, frying pan e fire*:

1. I1: P2 → L2 e L3:

“... escapou de uma *panela de fogo*... *out of the frying pan*... a *panela* está no *fogo*...”.

2. I2: P17 → L2:

“*Poor Jill!* Pelo contexto eu entendi que...”.

3. I4: P47 → L1, L4 e L5:

“... *frying-pan* é uma *frigideira*... Imagino que ficar no *fogo* é pior que ficar na *panela*... Na *frigideira*, né?”.

4. I5: P62 → L2 até L4:

“... Justamente após escapar... de um *assalto*... *frying-pan*... Então *frying-pan*... *into the fire*... tá no *fogo*... dentro do *fogo*...”.

Abstração

A abstração é um processo ancorado na esquematicidade. Como foi abordado anteriormente, existem construções mais ou menos esquemáticas. Pode-se dizer que uma entidade como “árvore” é mais esquemática que “carvalho”. A análise perpassa a comparação de pelo menos duas entidades, o que indica um movimento de abstração. Vejamos alguns exemplos:

Nos relatos colhidos sobre a expressão *out of the frying pan into the fire* (veja ANEXO 1, exemplo 2), encontrei os seguintes traços de abstração:

1. I1: P2 → L1, L3 e L4:

“... numa situação *de perigo*... uma situação muito, muito *difícil*...”.

2. I2: P17 → L1, L2 e L3:

“... uma *coisa* assim... uma *situação mais difícil*... uma *situação mais complicada*...”.

3. I3: P32 → L2 e L3:

“... você sai de *uma situação*... sair de *um problema*...”.

4. I5: P62→ L7, L8 e L9 e L10:

“... *um acontecimento difícil... alguma coisa... alguma coisa... ela fora do controle...*”.

5. I6: P77→ L6:

“... *uma coisa* pior do que ‘*assault*’”.

6. I7: P92→ L3, L4:

“... *alguma coisa* pior pra ela, por exemplo, *ela foi pra prisão. Alguma coisa* assim...”.

Como mostram os diagramas ilustrados pela Figura 3, há instâncias mais ou menos elaboradas. O grau de esquematicidade vai se tornando menor ou maior, como indica a seta. Entretanto, nos relatos acima, não houve um caminho linear. O que emerge é uma rede que indica um processo simultâneo e recorrente.



FIGURA 3: O deslocamento seguindo a orientação da seta vertical indica diferentes graus de esquematicidade

Perspectivação

O olhar que se lança para um cenário parte de um determinado ponto para outro, o ponto de vista. O apreciador da cena ocupa um determinado espaço. Elege um caminho e direção para percorrer até certo foco. Existe um deslocamento de participantes diante da tomada de posição. Elementos desse cenário estarão mais salientes, se ressaltam no plano. Às vezes o observador da cena se coloca para dentro dela. Ele se permite invadi-la e até mesmo tomar lugares de alguns personagens.

O ambiente de um mercado, onde pessoas tentam tirar vantagem umas das outras, onde o dinheiro pode ser motivo de problemas, foi

construído por alguns participantes na conceitualização da expressão *to fob me off* (veja ANEXO 1, exemplo 7). Eles também se referiram à figura de uma pessoa, que seria a vítima do incidente. É interessante ressaltar que essa vítima foi, ora o próprio informante que se projetava na cena, ora outros participantes. Nos exemplos 2, 3, 7, 8 e 9, os informantes participam da cena, seguindo uma orientação altamente subjetiva. A mudança de perspectiva é clara nos exemplos 5 e 8, quando o informante traz para a frente do cenário outros elementos como “você” e “ela”. Nos exemplos 1, 4 e 6, o participante se distancia ao falar em “eles” e “ele”:

1. I1: P7→ L1 até L3:

“... *eu acho* que tipo roubá-lo porque é at *the market*... (*alguém*) ser desonesto com *ele*...”.

2. I2: P22→ L3:

“... *Aquelas. As pessoas* quiseram tirar vantagem de *mim*...”.

3. I3: P37→ L2:

“... tentar *me* fazer comprar alguma coisa que *eu não quero*...”.

4. I4: P52→ L2 e L4:

“... *Eles querem* que *ele* não volte *lá*... expulsá-lo, um repeli-lo *dali*...”.

5. I5: P67→ L13 e L14:

“... essa *me parece*... que *ela*... que *ela* goste... *você* não espera que *ela* volte...”.

6. I6: P82→ L1, L3, L4 até L9:

“... coisa ruim com *ele*... ruim com *ele* no *market*... *eu imaginaria*... ou (*alguém*) passar *ele* pra traz nas compras... *a gente* tem... *eu* também *pensei* isso... *eu pensei*... *eu já imaginei*... *eu não queria, eu não tenho*”.

7. I7: P97→ L1 e L3:

“... *me* passar pra traz, *me* roubar... se *você* não voltaria... *você* não gostou...”.

8. I8: P112→ L2 até L4:

“... a *pessoa* provavelmente não vai voltar *lá*... *rechaçaram a pessoa... rejeitaram... tentaram me rejeitar, me mandaram embora...*”. (Observe a mudança de perspectiva indiciada pelas entidades *pessoa* e *me*).

Entrincheiramento

Ao analisar a formação de sentido de algumas expressões, percebi vários casos nos quais os participantes não hesitavam diante da construção. A rota cognitiva parecia mais curta, dado o fato do esforço cognitivo parecer menor. Os relatos eram imediatos. O cenário que se abria diante do observador aparentemente era menos complexo.

Com as expressões *at the eleventh hour*, *to hear from the grapevine*, *to be in a rut*, *to be in the bag*, *to be a brainwreck*, *to burn someone's boat*, *to beat around the bush* e *cheese it*, o entrincheiramento se mostrou bastante evidente. Vamos às análises.

Vivemos no país do futebol. O nosso relógio marca “os quarenta e cinco minutos do segundo tempo...” Usamos quase que cotidianamente a expressão “aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo” para relatarmos algo que aconteceu “na última hora” (veja ANEXO 1, exemplo 3). A expressão *at the eleventh hour* mostrou um alto grau de entrincheiramento:

1. I2: P18→ L1 e L6

“... na *hora H*... no último momento...”.

2. I3: P33→ L1 e L2:

“... no *último momento*... *quando ninguém esperava*...”.

3. I4: P48→ L3:

“... talvez seja *na última hora*...”.

4. I6: P78→ L1 e L2:

“... no *último momento* mesmo. Seria *nos quarenta e cinco minutos do segundo tempo*...”.

A música *Heard it through the grapevine*, composta por Norman Whitfield e Barrett Strong, foi um grande sucesso na década de 70 na

voz de Marvin Gaye. A música foi veiculada no mundo todo e alguns dos participantes lembraram-se do refrão. A expressão *to hear from the grapevine* (veja ANEXO 1, exemplo 4) ocorre também com as preposições *on* e *through*. Curiosamente outros associavam a expressão com alguma outra, também fixa, ou da língua inglesa ou da portuguesa:

1. I1: P4 → L1, L2 e L4:

“Lembrei da *música da Marisa Monte*... É, tipo assim, escutei de uma fonte muito confiável... aí lembrei daquela expressão... ‘*horse’s mouth*’...”.

2. I2: P19 → L1, L3 e L4:

“... eu sei que *tem uma música com esse título*... é como no português, a gente diria... *um passarinho verde me contou*”.

3. I3: P34 → L1 e L2:

“Isso me lembra da *música*... então *alguém contou pra ele, né?* Ou ele ficou sabendo através de outras pessoas”.

4. I6: P79 → L3:

“... *eu ouvi por aí. Eu escutei por aí*”.

5. I7: P94 → L1:

“Talvez seja aquela expressão... ‘*um pássaro verde me contou*’...”.

6. I8: P109 → L1 até L3:

“... eu conheço a *música*... É o *Marvin Gaye cantando* e adoro isto... *um passarinho me contou*... Não tem nada a ver com ‘escutei pelo vinhedo’...”.

Considerações Finais

Os fenômenos descritos até aqui nos fazem refletir sobre como possivelmente se dá o complexo processo de formação de sentido de toda e qualquer construção lingüística. A visão que emerge é a de uma vasta rede em que graus de entrincheiramento, níveis diferentes de abstração, seleções de foco, tomadas e mudanças de perspectiva vão acontecendo nas formas as mais variadas possíveis. O processo é certamente complexo e único.

As operações cognitivas apontadas por Langacker para a formação de sentido, de fato ocorreram. É relevante ressaltar que a ocorrência das mesmas não obedeceu a nenhum padrão ou ordem. O diálogo entre elas e os princípios da *Gestalt* se evidenciam quando percebemos que os conceptualizadores das expressões idiomáticas se colocavam diante de “cenas conceptuais”. Como que diante de telas pictóricas, os informantes narravam suas estórias, buscavam em experiências próprias passadas, recursos para compreenderem a expressão. Quando alguma entidade lingüística se assemelhava (em termos fonológicos ou semânticos) com uma outra do português, por exemplo, os informantes se valiam do princípio da similaridade. Da mesma forma, quando os participantes achavam que algum elemento estava faltando para que a interpretação fosse feita, eles mesmos construíam esses elementos, corroborando o princípio do fechamento. Não assevero uma correspondência direta entre as operações cognitivas langackerianas e os princípios da *Gestalt*, entretanto é imperativo salientar que o diálogo entre essas abordagens evidencia que a linguagem não está descolada da cognição humana.

O chamado *overlapping* das operações cognitivas foi fator recorrente. Tal fato poderia indiciar notas de redundância na teoria. O fato é que uma marca lingüística pode implicar mais de uma operação. Essa sobreposição, que primariamente pode ser considerada como empecilho ao estudo da rota cognitiva, mostra o quanto a malha cognitiva é complexa. Ela revela a nossa habilidade de conceber e mostrar a mesma situação de maneiras alternadas.

A focalização não se voltou apenas para os canais semânticos. Dirigiu-se também para os fonéticos. Houve momentos em que o som parecia ser o elemento que “guiava” o informante na busca da compreensão da expressão. Houve casos em que o canal fonético causou estranheza e funcionou como gatilho detonador da construção de um cenário, abrindo caminhos na trilha cognitiva. O gesto fonológico foi, dessa forma, ferramenta de uso recorrente no processo de conceptualização.

Uma outra questão não menos relevante é a que se refere à ocorrência do fenômeno do entrincheiramento. O que comumente é entendido como “sentido literal”, muitas vezes relatado pelos informantes, nada mais é do que um forte indício de entrincheiramento. Ele acontece tanto no nível lexical como no sentencial. O entrincheiramento trata

de acordos feitos por determinadas comunidades discursivas. Mais do que uma simples automatização ou rotinização, o entrincheiramento revela posturas culturais e escolhas de pontos de vista.

Diante dos dados colhidos e das análises feitas, constatei o fato de que as expressões idiomáticas são conceitualizadas da mesma forma que toda e qualquer outra entidade lingüística. Quando analisava o percurso cognitivo, percebi que o informante não mantinha o foco somente nas construções idiomáticas. As adjacências provinham cenas mentais as mais diversas, que corroboravam o processo de formação de sentido. Muitos foram os relatos referentes à importância do contexto, “da segunda ou terceira frase”. Apesar das expressões lingüísticas estarem relacionadas aos “cenários imagéticos”, seu sentido não é totalmente dado pela descrição desses cenários, nem pela soma dos seus componentes lingüísticos.

O conhecimento da rota cognitiva trilhada no momento da conceitualização ratifica a necessidade da compreensão das dimensões não apenas sócio-culturais, como também cognitivas, do processo de aquisição de segunda língua (L2). Ciente da complexidade e do caráter idiossincrático da formação de sentido, tanto o professor de L2 quanto o seu aprendiz podem repensar as estratégias do processo de aprendizagem.

É urgente o resgate da importância do estudo da cognição humana para a educação de um modo geral. Negligenciar a importância do seu papel é desconsiderar o ser humano no processo de aprendizagem. Há, ainda, que se fazer novas reflexões sobre a linguagem como parte integrante do ser cognocente. Descolá-la da cognição, atribuindo-lhe um caráter modular é, no mínimo, um grave descuido. O mundo ao nosso redor é compreendido pelo nosso olhar. É sob a perspectiva do olhar humano que o construímos.

Pesquisar a natureza insólita do pensamento humano, ou pelo menos tentar traçar rascunhos de suas faces, é o convite que faço aos pesquisadores da Linguagem. Estudá-la, não como um módulo periférico da cognição humana, mas como fator integrante da mesma. Há que se apreciar e desvendar os mistérios do pensamento e da linguagem humana ciente de que, através desses fenômenos, um pouco de nós se revela e muito se esconde.

Referências Bibliográficas

- BALL, W. J. *A practical guide to colloquial idiom*. London: Longman, 1959.
- DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH. Essex: Longman House, 1995.
- DICTIONARY OF ENGLISH IDIOMS. Essex: Longman House, 1996.
- ESCHER, M. C. *Gravuras e desenhos*. Colônia: Paisagem, 2004.
- GOMES, L.; COLLINS, D. *Dicionário de expressões idiomáticas americanas*. São Paulo: Pioneira, 1964.
- KOFFKA, K. *Principles of gestalt psychology*. New York: Harcourt, Brace and Company, 1935.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: theoretical prerequisites*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald W. *Concept, image, and symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1990.
- LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: descriptive application*. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- LANGACKER, Ronald W. *Grammar and conceptualization*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 1999.
- LANGACKER, Ronald W. A dynamic usage-based model. In: BARLOW & KEMMER. *Usage based models of language*. Stanford: CSLI Publications, 2000.
- LANGACKER, Ronald W. Viewing and experimental reporting in cognitive grammar. In: SILVA, Augusto. *Linguagem e cognição*. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga, 2001.
- LANGACKER, Ronald W. *A course in cognitive grammar*. No prelo. Inédito.
- McLAY, V. *Idioms at work*. Ottawa: Language Teaching Publications. 1987.
- MELLO, Heliana. O ensino de gramática de línguas estrangeiras: uma perspectiva da lingüística cognitiva. In: DEISE, Dutra; MELLO, Heliana. *A gramática e o vocabulário no ensino de inglês: novas perspectivas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, POSLIN, 2004.
- UNGERER, F.; SCHMID, H. J. *An introduction to cognitive linguistics*. Essex, Longman: 1996.

ANEXO 1

As Expressões Idiomáticas e seu Contexto – Lista usada na coleta de dados

1. Larz's mother is talking about his behavior: "I don't know what's wrong with him. He flies off the handle any time."
2. Poor Jill! Just after escaping from an assault she found herself out of the frying pan into the fire.
3. Finding the right time for the meeting looked impossible, but at the eleventh hour Sally came up with a solution.
4. "Did you know Tom Smith is leaving town?"
"Who told you so?"
"I heard it from the grapevine."
5. "Hey, did you hear Aline was caught red-handed?"
"You must be kidding! I've heard she had been fired but didn't know why! What a surprise!"
6. Greg is such a sweetheart. He bends over backward to help anybody.
7. "You know, people at the market tried to fob me off".
"Get out! It's quite a surprise. I bet you'll never go there again."
8. "Clark is thinking about looking for another job. The fact is that he's in a rut and a change will do him good.
9. "Would you consider Diane a good candidate for the presidency?"
"I'm not sure. Have you heard Sally is running as well? I think it's in the bag for her.
"Maybe it's a toss-up between Sally and Diane."
10. "Sally used to be considered a brainwreck."
"What a surprise! I could hardly say it just looking at her..."
11. "The unions are calling the tune these days".
"Almost unbelievable, isn't it?"
"Well, I'd say it won't last!"
12. "Since my husband decided to jungle around I found myself in hot waters".
"Come off it! I don't believe you wouldn't like to do the same!"
13. "It gets on my nerves every time Simon decides to give me a lecture".
"Well, I like Simon. But he can't help beating around the bush".
14. "I guess Charlie burned his boats when he told Steve that story."
"Yeah. And the problem is that he said his lips were sealed".
15. "Cheese it, Mike. Let's listen to Danna."
"All right".

ANEXO 2

As expressões idiomáticas e seus possíveis significados

1. To fly off the handle
Perder o controle emocional. Ball (1959:62)
2. To be out of the frying pan into the fire
Sair de uma situação ruim e entrar numa pior.
Longman Dictionary (1995:620)
3. At the eleventh hour
No ultimo instante. Mc Lay (1987:7)
4. Hear (something) from/on/through the grapevine
Ouvir fofocas ou comentários. Mc Lay (1987:17)
5. To be caught red-handed
Ser pego (a) fazendo algo errado. Mc Lay (1987:23)
6. To bend over backward
Fazer um esforço excessivo para obter algo, ajudar alguém.
Gomes & Collins (1964)
7. To fob (someone) off
Dar uma informação errada, enganar. Mc Lay (1987:54)
8. To be in a rut
Ter uma rotina dura, repetitiva. Mc Lay (1987:73)
9. To be in the bag
Estar garantido, com grandes chances de ocorrer. Mc Lay (1987:87)
10. To be a brainwreck
Expressão inventada por mim.
11. To call the tune
Dar as cartas, estar no comando. Mc Lay (1987:29)
12. To jungle around.
Expressão inventada por mim.
13. To beat around the bush
Ser prolixo e ambíguo. Ball (1959:157)
14. To burn (someone's) boats
Fazer algo que não tem jeito de desfazer, criando uma situação difícil para si mesmo. Longman Dictionary (1995:169)
15. Cheese it.
Fique quieto (a). Dictionary of English Idioms (1996:52)

As explicações acima são traduções baseadas nas obras indicadas e são de minha inteira responsabilidade. É importante ressaltar, entretanto, que são explicações descontextualizadas e foram acrescentadas com o objetivo de orientar melhor o leitor.